

# UMA REFLEXÃO ACERCA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA OBRA SAGATRISSUINORANA

Daniella Barbosa Buttler<sup>1</sup>  
Jessé Ramos Fernandes Pires<sup>2</sup>

**Resumo:** O papel da linguagem no processo de interpretação é central, pois é somente por meio de uma manifestação textual (oral ou visual), que detectamos as representações. Neste artigo, pretendemos mostrar a representação construída na obra *Sagatrisuinorana* de Joao Luiz Guimarães, vencedora do prêmio Jabuti 2021, na categoria Literatura Infantil. De modo geral, os procedimentos utilizados na pesquisa provêm, sobretudo, do interacionismo sociodiscursivo e foram inspirados no que foi proposto pelo Groupe LAF (BRONCKART, 2004), além de conceitos de outros autores compatíveis com nosso quadro teórico para a interpretação dos textos, como (HOBBS,1999). Dentre esses procedimentos, tomamos como referência para a análise dos dados, o contexto sociointeracional de produção e o nível enunciativo, centrando nas vozes. Os resultados da análise do livro *Sagatrisuinorana* foram divididos em duas partes: o primeiro revelou intertextualidade com três obras de Guimarães Rosa, relacionando a faceta mítica Roseana com a maldade humana e o segundo nos mostrou um prenúncio de um terceiro acidente ambiental.

**Palavras-chave:** Literatura Infantil, Representação, Infância, Diversidade literária

## A REFLECTION ABOUT SOCIAL REPRESENTATIONS IN SAGATRISSUINORA WORK

**Abstract:** The role of language in the process of interpretation is central, as it is only through a textual manifestation (oral or visual) that representations are detected. In this article, it is intended to show the representation built in the work *Sagatrisuinorana* by Joao Luiz Guimarães, winner of the Jabuti 2021 award, in the Children's Literature category. In general, the procedures used in the research come, above all, from socio-discursive interactionism and were inspired by what was proposed by the Groupe LAF (Bronckart, 2004), in addition to concepts from other authors compatible with our theoretical framework for the interpretation of texts, such as Hobbes (1999). Among these procedures, references are taken for data analysis, the socio-interactional context of production and the enunciative level, focusing on voices. The results of the analysis of the book *Sagatrisuinorana* were divided into two parts: the first revealed intertextuality with three works by Guimarães Rosa, relating the mythical Roseana facet with human evil and the second showed us a presage of a third environmental accident.

**Keywords:** Children's Literature, Representation, Childhood, Literary Diversity.

<sup>1</sup> Doutorado em Letras (PUC-SP). E-mail daniellabar@gmail.com

<sup>2</sup> Pós-graduando em neuropsicologia clínica. E-mail: fernandes\_jesse@yahoo.com.br

## Introdução

A proposta deste trabalho é refletir acerca das representações construídas na obra *Sagatrisuinorana* de João Luiz Guimarães, vencedora do prêmio Jabuti 2021, na categoria Literatura Infantil. Trata-se, portanto, de uma obra destinada ao público infantil.

Iniciaremos o artigo com a seção “O surgimento da Literatura Infantil Breve histórico”. Nessa parte, procuramos rastrear a evolução da Literatura Infantil na Europa e no Brasil.

Na sequência, veremos “Literatura Infantil e diversidade”. A literatura pode nos dar esse olhar para a alteridade. Muitos são os temas que podem ser nela tratados como populações do campo, comunidades indígenas e quilombolas, afrodescendentes, gênero, meio ambiente, já que hoje temos a sustentabilidade como pauta social importante discutida em diferentes esferas e tantos outros temas. Segundo (LAJOLO 1982, p. 16), a obra literária é um objeto social. Para que ela exista, é preciso que alguém a escreva e que outro alguém a leia. Ela só existe enquanto obra nesse intercâmbio social.

Depois, veremos a seção “Prêmio Jabuti e a premiação no universo escolar”. O Prêmio Jabuti é o mais tradicional prêmio literário do Brasil, concedido pela Câmara Brasileira do Livro, doravante CBL, com o interesse de premiar autores, editores, ilustradores, gráficos e livreiros que mais se destacam a cada ano.

E encerraremos com a seção “Considerações bronckartianas sobre a representação social do livro *Sagatrisuinorana*”. Consideramos esta análise relevante, pois, como qualquer outro texto que tome como tema a representação de uma obra da literatura infantil, esse teórico especificamente pode ajudar a compreender as interpretações de um evento socioambiental para a construção de (re-)configurações sociais. Além deste estudo

colaborar para o desenvolvimento do quadro teórico assumido, o interacionismo sociodiscursivo (ISD), principalmente, em relação aos procedimentos metodológicos, acreditamos que ele possa trazer contribuições a pesquisas futuras, tanto da Linguística Aplicada, considerando os corpora analisados na perspectiva do ISD sobre a representação e o agir humano em geral, quanto da Pedagogia e da Literatura considerando a dinamicidade em sala de aula com textos literários e a formação do professor que deve ser constante, já que deve desafiar o aluno a ler, e a ouvir textos literários.

## O surgimento da literatura infantil: Um breve histórico:

Pensar no surgimento da literatura infantil é esbarrar-se com o conceito de infância – um conceito universal e abstrato que afirma o direito de toda criança a proteção, saúde e educação. Se consideramos que essa é a fase de brincar, estudar e ter acesso à educação de qualidade, nem todas as crianças têm infância.

Os primeiros livros para crianças foram produzidos no final do século XVII e durante o século XVIII. Antes desse período, não se escrevia para crianças, pois a concepção de uma faixa etária diferenciada, interesses próprios e uma formação específica só aconteceu na mudança para a idade moderna. Essa mudança foi decorrente de uma nova noção de estrutura familiar, estrutura essa que deixa de lado as relações amplas de parentesco, elos de sangue, favores, dívidas ou compadrio e busca um núcleo unicelular, baseado no afeto, preservação dos filhos e na intimidade. Nessa formação burguesa familiar, emerge a noção de infância. Adultos e crianças dividiam o mesmo ambiente, compartilhavam os mesmos eventos, sendo considerados adultos em miniatura, assim, a valorização da infância gerou união familiar, mas,

em meio a essa mudança, a escola reformada e a literatura infantil passam a ter controle dos infantes.

Segundo Zilberman, “A aproximação entre instituição e o gênero literário não é fortuita” (ZILBERMAN,2012 p.42), visto que os primeiros textos são escritos por pedagogos, professores, com o intuito puramente educativo.

Esse controle da infância parte de dois grandes conceitos de acordo com a visão de (ZILBERMAN,2012): I) a valorização e proteção da infância, para que a criança atinja a idade adulta de maneira saudável por meio de uma formação madura, que é a formação intelectual. Nesse ponto, a literatura infantil torna-se indispensável, visto seu caráter atual de promotora do desenvolvimento socioemocional, atuando com a formação e informação; II) e o conceito demarcado de infância, conforme visto nos tratados de pedagogia que asseguram a singularidade e a fragilidade da criança em relação ao período adulto.

## Literatura infantil e diversidade

Existe uma vala entre escola – literatura, há um espaço para a diversidade de textos literários?

É uma reflexão constante na cabeça de muitos educadores que acreditam na potencialidade da diversidade literária como formação de um cidadão consciente. De acordo com (PORTO E GRAZIOLI,2017) temos dois pontos basilares para falar de diversidade literária; de um lado, o cunho pedagógico e, de outro, pressões do mercado.

A diversidade é uma realidade, é subjetividade, é pessoas, é cultura, é política. Diversidade é uma realidade que a criança vive, vê, ouve, está no meio de comunicação, está nos desenhos infantis, está nos gibis, está na vida.

No entanto, segundo (PORTO E GRAZIOLI 2017), a escola, como ponte entre literatura e leitores é, muitas vezes, omissa, alguns dos quais colocam sua ideologia em prática. Por

outro lado, muitos educadores buscam, em sua reflexão pedagógica, trazer a literatura para o desenvolvimento global – cognitivo, emocional, artístico e literário – do alunado.

Mas, a diversidade está aí: entre o rosa e o azul, entre o branco e o negro, entre o gordo e o magro, entre meninos e meninas, entre sul e nordeste. Deixamos de falar sobre pessoas, sobre a ampla diversidade, sobre cultura. A alteridade e seu reconhecimento é a chave para evitar o etnocentrismo, a exploração de outros povos, a escravidão e a perseguição de tais comportamentos. A alteridade então pode garantir uma coesão social, já que a literatura recria a realidade através da visão do autor, dos seus sentimentos, contribui para o enriquecimento cultural do leitor, desperta esse leitor para nova experiência, para o diferente.

A atração para os livros infantis são histórias com enredos baseados em contos de fadas, fábulas e tantos temas diversos que fazem parte das pautas sociais. Talvez a criança jamais verá um lobo por exemplo, mas para ela a imagem que ilustra e encanta, a magia traz uma ideia da maldade humana, da representação da maldade humana e isso ocorreu por meio da possibilidade de se abrir para conhecer o diferente. E nesse bojo, a literatura ainda cumpre seu papel de educar, formar e desenvolver, trazendo em seu discurso a alteridade

Nesse questionamento, o autor defende:

“Na maioria dos livros infantis pensados para se trabalhar a diversidade de gêneros, a literatura de finalidades ainda é excessivamente cuidadosa, as histórias muitas vezes recortadas pelo excesso de cautela na formação dos corações e mentes das crianças. Sendo assim, a questão de gênero também fica meio que tímida, envergonhada, e vai se apresentando com certa parcimônia, com receios da recepção do leitor, como se pedisse licença para entrar, porque ali não seria, a princípio o seu território de ação e de pertencimento.” (PORTO E GRAZIOLI 2017 p. 33)

Nessa baila, os autores defendem que não trazer na literatura essa diversidade significa perder uma oportunidade de aprendizagem sobre identidade, autonomia e alteridade.

Exercitar a alteridade é pensar na situação que o outro se encontra, sua luta, seu anseio. Trazer temas variados para o mercado editorial de literatura infantil é um modo de mostrar isso a seu público.

## **Alteridade e construção do outro através da literatura**

Entre as várias contextualizações acerca do que é alteridade, (OLIVEIRA,2018) destaca as duas principais: I) os estudos de Martin Buber e Emmanuel Levinas, sendo responsáveis pela “filosofia da alteridade” em que a relação entre “eu e o outro” parte da noção racional da “subjetividade” para uma proposta de “intersubjetividade”. Ou seja – o sentimento do indivíduo, aquilo que sente para com o outro traz sentimentos de experiências, vivências e conhecimentos entre os sujeitos, e II) a de (DUSCHATZKY E SKLIAR,2001), que

“Afirmam que a alteridade pode ser apreendida de várias maneiras, entre elas, destacando-se a ideia do outro como a fonte de todo mal, configurando-se a modernidade, dizem eles, como campeã em construir estratégias de demonização do outro, transformando esse outro em sujeito ausente, ou criando a perversa ética da inclusão e exclusão, ou ainda como diz Hobsbawn (apud DUSCHATZKY e SKLIAR, 2001) pela própria eliminação física desse outro, fato esse que anuncia o século XX como um dos mais mortíferos da história.” (OLIVEIRA,2018, p.170)

Nessas duas definições, compreendemos que é na vivência subjetiva (sentimentos, emoções e visão de mundo), transmitida no ato discursivo que se insere a intersubjetividade, contudo, nessa transmissão, existe a demonização do outro que traz, em seu ato discursivo, o diferente, que nem sempre será aceita pelo outro.

Nos estudos do círculo de Bakhtin, a temática de alteridade se funda no seguinte aspecto: se organiza e é vivenciada em torno dos centros de valores do eu e do outro, em três dimensões, quais sejam, eu para mim, eu para o outro e o

outro para mim. Assim os valores culturais de uma determinada sociedade não se fundam de maneira abstrata, surgem das relações sociais estabelecidas entre os atores sociais. Outra percepção do círculo é a consciência de que o ser humano é inacabado e incompleto.

Na constituição da alteridade o outro não se torna idêntico ao outro diante da subjetividade. Nesse espaço, existe a dialogicidade, concordância ou discordância de fatos, acontecimentos, pessoas e constituição cultural.

A alteridade se materializa na linguagem. Nesse sentido, o círculo de Bakhtin determina que, na constituição do ato discursivo, existe uma ordenação, em uma dada forma, ou seja, o ato discursivo é moldado, omitindo, emitindo e contornando o que deseja informar através do ato discursivo em sua ação mais ampla, inclusive na literatura infantil. Esse ato pode ser visto em várias obras citadas por (OLIVEIRA 2018) nos estudos de Bakhtin:

Exemplos clássicos de relação com a alteridade podem ser encontrados nas análises que Bakhtin realizou sobre os romances de Dostoiévsky e de Rabelais. Resumidamente diríamos que na obra de Dostoiévsky, Bakhtin encontrou personagens que não são escravos mudos em relação ao seu autor-criador, ao contrário, são pessoas livres, capazes de colocar-se “... lado a lado com seu criador...” (BAKHTIN, 1997, p.4), para com ele concordar, discordar, rebelar-se até. Diz Bakhtin (1977) que, em Dostoiévsky, dialogam com as vozes sociais, convicções sobre o mundo, sobre sistemas de referência, em pé de igualdade, sobre temas/problemas, que não se colocam no eixo de uma temporalidade marcada. (OLIVEIRA,2018, P173)

É nesse bojo que surge o papel da diversidade na literatura infantil, discutindo e trazendo construtos sobre o outro, sobre cultura, sobre política, sobre a subjetividade daquele que vive algo, sobre a construção da identidade de grupos e culturas oprimidas.

## **Prêmio Jabuti e a premiação no universo**

## escolar

O prêmio Jabuti é um prêmio literário tradicional no Brasil, organizado e concedido pela CBL. A CBL é uma entidade que produz a ficha catalográfica de todos os livros, ela trabalha diretamente com todas as editoras e organiza o Prêmio Jabuti. O maior diferencial do Prêmio Jabuti em relação a outros prêmios como Prêmio Camões, Prêmio Hans Christian Andersen, Prêmio SESC, Prêmio São Paulo e outros, é a sua abrangência: além de valorizar escritores, ele destaca a qualidade do trabalho de outros profissionais envolvidos na criação e produção de um livro, como os ilustradores. Ao longo dos anos, o Prêmio passou por alterações em seu formato e hoje as categorias são distribuídas em quatro eixos: literatura, não ficção, produção editorial e, inovação. A história deste prêmio começa por volta de 1958, e tem hoje um impacto social e econômico em um período ainda repleto de desafios para o mercado editorial. O editor tem muitos desafios ainda em 2022, como a complexidade que envolve a logística na divulgação e na distribuição dos livros, a tecnologia que facilita a pirataria de livros em PDF, a exigência de uma visão holística do mercado, e não apenas erudita, além, é claro, do baixo índice de leitura da população brasileira. No site do Prêmio Jabuti, há uma explicação sobre a significado do prêmio para a comunidade:

A maior premiação do livro brasileiro, o Prêmio Jabuti, chega à sua 63ª edição. Ao passar mais de seis décadas, a premiação construiu notoriedade e transformou-se em um símbolo para todos os amantes da leitura e representantes da indústria produtiva e criativa do livro, que impulsiona a economia, dissemina a cultura e amplifica vozes. <https://www.premiojabuti.com.br/2021/catalogo.pdf>

Optamos, neste trabalho, por nos debruçar sobre o estudo de um livro no eixo da literatura infantil. Há sempre cinco finalistas, neste ano, ficaram

Título: Lá dentro tem coisa | Autor(a): Adriana Falcão e Lole | Editora(s): Salamandra

Título: O menino que virou chuva | Autor(a): Renato Moriconi e Yuri de Franco | Editora(s): Caixote

Título: Obrigado | Autor(a): André Neves | Editora(s): Pulo do Gato

Título: Redondeza | Autor(a): Daniel Munduruku e Roberta Asse | Editora(s): Criadeira Livros

Título: Sagatrisuinorana | Autor(a): João Luiz Guimarães e Nelson Cruz | Editora(s): ÔZé Editora

Anualmente, editoras dos mais diversos segmentos e escritores independentes de todo o Brasil inscrevem suas obras em busca da tão cobiçada estatueta e do reconhecimento que ela proporciona. Em 2021, houve um aumento de 31% nas inscrições, participantes destacam produções sobre temáticas contemporâneas, como no livro infantil de João Luiz Guimarães, *Sagatrisuinorana*, da editora OZÉ.

O Jabuti já foi criticado por dar mais espaço a títulos em destaque de grandes editoras como Companhia das Letras, Ática, Record, Globo. Notícias com manchetes como a seguir são comuns às vésperas da cerimônia do prêmio: “Prêmio Jabuti: Chico Buarque, Djamila Ribeiro e Martinho da Vila estão entre os finalistas” (G1, 2020). Nomes consagrados e grandes editoras estão bem representados na categoria literatura infantil. O livro *Carona* (2021), da Companhia das Letrinhas, do autor e ilustrador Guilherme Karsten e *Da minha Janela* (2020) de Otávio Junior e Vanina Starkoff também da Companhia das Letrinhas, são títulos vencedores do Prêmio Jabuti.

Mas ele traz revelações de editoras que não têm *marketing*, que ainda não publicaram nada consagrado. O Jabuti pode ser uma ótima vitrine para os que ainda não são aclamados, como livros da editora OZÉ.

Há uma curiosidade no que diz respeito ao nome do prêmio: Jabuti. O nome por si só é curioso para servir de símbolo de um prêmio literário, porém, há um motivo. E quem dá essa explicação é a própria organização do prêmio, em seu site:

Por que “jabuti” para nomear um prêmio literário? A resposta encontra explicação no ambiente cultural e político da época, influenciado, sobretudo, pelo modernismo e pelo nacionalismo, pela valorização da cultura popular brasileira, das raízes indígenas e africanas, de suas figuras míticas, símbolos seculares carregados de sabedoria e experiência de vida e legados de uma geração à outra. Sílvio Romero, Mário de Andrade, Monteiro Lobato e Luís da Câmara Cascudo, entre o final do século XIX e o início do século XX, foram pioneiros na pesquisa, no estudo e na divulgação dessa rica cultura popular.

E foi Monteiro Lobato, provavelmente, o mais prolífico na recriação literária das histórias desses personagens meio enigmáticos, meio reveladores e sempre sedutores do folclore nacional. Um desses personagens da literatura infantil de Lobato é, como se sabe, o jabuti. O pequeno quelônio, já familiar no imaginário das culturas indígenas tupi, ganhou vida e personalidade nas fabulações do autor das “Reinações de Narizinho”, como uma tartaruga vagarosa, mas obstinada e esperta, cheia de tenacidade para vencer obstáculos, para superar concorrentes mais fortes e chegar à frente ao final da jornada. Com essas credenciais, o jabuti ganhou também a simpatia e a preferência dos(as) dirigentes da CBL, que o elegeram para inspirar e patrocinar um prêmio que homenageia e promove o livro. (PREMIO JABUTI, 2022)

Então vemos que o nome jabuti remete a uma “mascote” do evento. Por isso o nome e a estatueta em formato desse animal. O modernismo, época em que o concurso surgiu, foi um longo período, que começou na Semana de 1922, e há alguns estudiosos que dizem que o movimento perdura até hoje. Essa escola artística influenciou várias formas de expressão artística: pintura, literatura, arquitetura, e uma das características dessa escola é o nacionalismo. Os artistas em geral tinham em comum a busca pela origem, a valorização do indígena brasileiro e isso dá lugar ao folclore, ao regionalismo, ao nacionalismo.

## Considerações bronckartianas sobre a representação social do livro *Sagatrisuitorana*

Nosso pensamento se organiza pela linguagem, de acordo com um sistema simbólico. A linguagem é, portanto, constitutiva do ser social. É no quadro dos jogos de linguagem que se elaboram os conhecimentos humanos; é no curso das práticas linguageiras que determinadas sequências sonoras acabam por ser atribuídas a determinados objetos ou a acontecimentos do mundo, e essa atribuição é constitutiva das representações e, de modo mais geral, do conjunto do aparelho cognitivo humano. (BRONCKART 2008, p.17)

Considerando a linguagem como esse elemento constitutivo do social, a originalidade deste trabalho está no fato de reunir, em um quadro, para realizar um estudo sobre o texto infantil e a representação, aportes de estudos literários voltados para a literatura infantil. Definido o objetivo, esclarecemos que a pergunta geral é: Que reconfiguração sobre o tema tratado no livro *Sagatrisuitorana* do autor João Luiz Guimarães é construída?

O Interacionismo Sociodiscursivo, doravante ISD, valendo-se das contribuições de (SPINOZA, MARX E VYGOTSKI 1934/2001), propõe um posicionamento epistemológico que visa demonstrar o papel fundador da linguagem e o funcionamento discursivo para o desenvolvimento humano (BRONCKART 2006, 2008).

Para os estudos de textos, BRONCKART (1999), o ISD propõe a análise do folhado textual, composto: i) pela infraestrutura global do texto, que compreenderia um plano geral/global do texto, tipos de discurso, sequências; ii) pelos mecanismos de textualização (conexão, coesão nominal e coesão verbal); iii) e pelos mecanismos enunciativos (modalizações e pelas vozes presentes no texto).

As representações sociais devem ser vistas como uma “atmosfera” em relação ao indivíduo ou ao grupo (MOSCOVICI, 2003). Embora haja muitas pesquisas desenvolvidas sobre Literatura Infantil, não temos conhecimento de nenhuma que tenha procurado atingir os objetivos que perseguimos, especialmente porque o livro escolhido para análise foi publicado recentemente. Ao mesmo tempo, as pesquisas que buscam analisar as representações construídas em textos, em geral, tomam como objetos de análise textos que circulam no sistema educacional. E nós estamos abordando um texto que circula também no sistema social. Uma fábula que tem como pano de fundo a história dos três porquinhos, mas trata da história de Mariana e de Brumadinho.

Começaremos pelo modo como se vê a caracterização do contexto de produção de um texto. Neste sentido, o Interacionismo Sócio-Discursivo (ISD) oferece teoricamente reflexões importantes sobre as ações de linguagem envolvidas nesse processo. Isso significa, perceber, inicialmente, a base de ação da linguagem envolvida no contexto de produção do gênero fábula.

Ao realizarmos a leitura, aferimos um sentido ao texto e não o sentido do texto, pois na atividade de leitura ativamos elementos como lugar social, vivências, relações com o outro, valores e conhecimentos textuais. A leitura e a produção de sentido são atividades orientadas por nossa bagagem sociocognitiva.

Assim são vários os fatores de compreensão de leitura. Alguns deles estão associados à relação autor-leitor, que se referem ao conhecimento de elementos linguísticos (uso de determinadas expressões, escolha de palavras etc.), esquemas cognitivos e bagagem cultural, bem como circunstâncias em que o texto foi produzido. Outra questão é o contexto de produção e o contexto de uso. Entre a produção do texto escrito e sua leitura pode se passar muito tempo, e as circunstâncias

da escrita podem ser absolutamente diferentes das circunstâncias de leitura (contexto de uso), fato que interfere diretamente na produção de sentido. Ler ou ouvir a fábula dos três porquinhos hoje é muito diferente de ouvi-la no fim do século XIX, uma época que a sociedade feudal é paulatinamente substituída pela ascensão do Estado moderno centralizado, com vistas à urbanização.

É preciso atentar para o fato de que uma produção linguageira não pode ser estudada fora de uma esfera situacional, que motiva e oferece as condições de emergência desse dizer social. Assim, a realização de uma ação de linguagem implica a mobilização de uma série de representações referentes à situação de produção em que o indivíduo se encontra.

Conforme (BRONCKART 1997/2003) explica, trata-se de um conjunto de elementos do mundo que são suscetíveis de exercer uma influência sobre o texto. Então, ao se analisar um texto, é preciso, em primeiro lugar, levantar hipóteses sobre o contexto de produção mobilizado, definido como:

o conjunto dos parâmetros que podem exercer uma influência sobre a forma como um texto é organizado. Se teoricamente, múltiplos aspectos de situação de ação poderiam ser mencionados (as condições climáticas, a refeição anterior do produtor, seu estado emocional, etc.) nós, entretanto, de acordo com a maioria dos teóricos, acentuaremos exclusivamente os fatores que exercem uma influência necessária (mas não mecânica) sobre a organização dos textos. Esses fatores estão reagrupados em dois conjuntos: o primeiro refere-se ao mundo físico e o segundo, ao mundo social e subjetivo (BRONCKART 1997/2003: 93).

Em relação ao contexto físico, é preciso verificar o lugar em que o texto é produzido; o momento da produção; quem produz fisicamente o texto; o interlocutor – quem é(são) a(s) pessoa(s) que pode(m) receber concretamente o texto –; a esfera de circulação; o suporte, ou o meio de veiculação: meio eletrônico, jornal, livro, vídeo, diário etc. Quanto ao contexto social e subjetivo, é

preciso verificar todos esses elementos, porém deve-se considerar, também, o tipo da interação social, a instituição social em que o texto é produzido e em que circula, os papéis sociais atribuídos aos protagonistas da interação e o objetivo da interação, isto é, o efeito que o enunciador quer produzir sobre o destinatário, com base na imagem que o produtor tem do seu receptor (BRONCKART 1997/2003).

Vejam, no quadro abaixo, as hipóteses que se pode fazer sobre os elementos do contexto de produção do livro *Sagatrisunorana*:

**Quadro 1:** Exemplo de contexto de produção.

Enunciador: escritor João Luiz Guimaraes / ilustrador Nelson Cruz
Destinatário: público infantil
Objetivo: incentivar o aprendizado, assimilar linguagem (oralidade e imagem), debater o tema do meio ambiente com a criança
Locais onde o texto circulará: todo o país
Momento de produção: 2020 (provavelmente) / Momento de publicação: 2021
Meio de veiculação: livro impresso pela editora OZé

Para o autor, em entrevista concedida por e-mail, o contexto de produção

A ideia surgiu em março de 2019, a partir duma provocação feita em uma aula do curso de pós-graduação que eu cursava no Instituto Vera Cruz, em São Paulo. A proposta era fazer um exercício de reconto, tomando por base alguma fábula clássica. Meu impulso inicial foi imaginar como seria se algum autor ou autora de nosso cânone escolhesse recontar uma fábula clássica. Foi quando me lembrei que Guimarães Rosa já havia feito exatamente isso no conto Fita Verde no Cabelo (Nova Velha Estória). Esse texto, que integra a obra póstuma “Ave, palavra”, retoma, em chave roseana, a fábula de Chapeuzinho Vermelho. Foi quando decidi imaginar como seria se Rosa resolvesse recontar os Três Porquinhos. (GUIMARAES, 2022)

O acidente de Brumadinho ocorreu no início de 2019, depois de três anos do acidente de Mariana,

e assustou o Brasil e o mundo. No rastro de lama, moradores tentavam salvar uns aos outros, animais ficaram atolados e morreram. Pousada, comércio e casas foram totalmente destruídos. Os rejeitos ameaçaram o Rio São Francisco e afetaram diretamente o Rio Paraopeba. Foram mais de 260 mortes de humanos no acidente de Brumadinho, situação que o autor teve a ideia.

A produção do livro infantil reconhece a importância do ilustrador. No livro *Sagatrisunorana*, há incríveis aquarelas ilustradas por Nelson Cruz, que ajudam na compreensão. As ilustrações do Nelson Cruz, criam um segundo “texto” imagético — ao mesmo tempo paralelo e convergente.

Os enunciadores são então o escritor e ilustrador, mas neste trabalho, focaremos no texto verbal, portanto o enunciador será o escritor. Para o ISD, enquanto atores em uma comunidade, fazemos a interação por meio de textos e variam de acordo com o contexto em que estamos interagindo. Sendo assim, o ano da publicação do livro é 2021, e o livro trata de dois acidentes ambientais ocorridos em Mariana e Brumadinho cuja causa foi o rompimento da **barragem de rejeitos**.

Para o ISD:

[...] as atividades de linguagem em funcionamento nas coletividades humanas, que se desenvolvem no quadro de formações sociodiscursivas ... e nas quais participam agentes singulares, como sedes de ações de linguagem determinadas; os textos, como formas comunicativas globais e “finitas” constituindo os produtos concretos das ações de linguagem, que se distribuem em gêneros adaptados às necessidades das formações sociodiscursivas ..., permanecendo esses gêneros, cujo número e cujas fronteiras são por essência indeterminados, à disposição, como modelos, nesse construto sócio-histórico que é o intertexto (BRONCKART 1999/2012).

Em outras palavras, os gêneros são distribuídos socialmente pelos atores sociais de acordo com a necessidade contextual, são meio de comunicação sendo instrumentos apropriados pelos atores para

agirem no mundo e são disponibilizados após o uso como modelos, denominados de intertextos.

Algo importante a se considerar no contexto é a editora. A ÔZé Editora, uma editora situada na cidade de São Paulo, no bairro do Bixiga, busca textos com pluralidade de ideias e estilos; belas ilustrações, como as aquarelas profundas do livro *Sagatrissuinorana*, do ilustrador Nelson Cruz. Os temas da editora apresentam diversidade de técnicas e tendências; projetos gráficos apurados e acabamento cuidadoso em cada livro.

E para que o texto, dentro do contexto, se concretize, expressamos sentimentos, construímos pensamentos, interagimos com o ambiente e com outros indivíduos por meio da língua. Como ainda reforça o escritor do texto *Sagatrissuinorana*:

No início, a empreitada era apenas literária, ou seja, tentei emular a sintaxe roseana no texto e transpus a narrativa clássica para a topografia mineira. Contudo, no meio da escrita, a lama se impôs. Não foi planejado, ela realmente apareceu e se impôs. Fazia apenas um pouco mais de um mês da tragédia socioambiental de Brumadinho, e eu ainda estava muito impactado pelas imagens do rompimento da barragem e da lama que arrastava tudo. Elas eram onipresentes na TV, na internet. Pensei: para uma criança, como temer o lobo depois dessa lama? A lama era mais assustadora e implacável. A lama engolia o lobo. Foi quando percebi, um pouco assustado, que tinha algo forte nas mãos. (GUIMARÃES, 2022)

Vemos com esse depoimento uma riqueza da dispersão semântica dos símbolos na literatura permite, assim, a exploração do imaginário criativo, formal e conteudístico que a engendra. Nosso pensamento se organiza pela linguagem, de acordo com um sistema simbólico, a linguagem é, portanto, constitutiva do ser social. Dessa forma, contribui para o desenvolvimento da criatividade e do raciocínio lógico do leitor ou do ouvinte. É no quadro dos jogos de linguagem que se elaboram os conhecimentos humanos, é no curso das práticas languageiras que são atribuídas acontecimentos do mundo e essa atribuição é constitutiva das representações.

O livro que reconta a fábula dos “Três Porquinhos”, em um estilo de prosa que emula o de Guimarães, é uma metáfora para as tragédias ocorridas com o rompimento de barragens das cidades mineiras Mariana e Brumadinho. Existem barragens de vários tipos e com diferentes finalidades. Ambas tragédias foram causadas pelo rompimento da barragem de rejeitos, ou seja, um reservatório destinado a reter resíduos sólidos e água resultantes de processos de extração de minérios. Esses rejeitos rompidos se transformam em lama tóxica. No livro *Sagatrissuinorana* os rejeitos químicos inundaram a fauna, a flora, as casas dos porquinhos, os porquinhos e o lobo mau.

(BRONCKART 1999/2012) argumenta que, para que haja produção de gêneros de texto, é necessária uma “base de orientação a partir da qual um conjunto de decisões devem ser tomadas” (p. 92). Dessa forma, o agente escolherá entre os modelos que ele possui em sua mente qual é o melhor a ser utilizado de acordo com a situação vivida naquele momento.

Na história dos três porquinhos, o que mais se destaca no enredo é como as casas são estruturalmente diferentes e como a do porquinho mais velho é a única que resiste aos ataques do lobo. Na versão original, os dois porquinhos menores são devorados quando suas casas são destruídas e apenas o mais velho escapa devido à natureza da construção empregada e de sua sabedoria. As primeiras edições do conto datam do século XVIII, porém, imagina-se que a história seja muito mais antiga. Joseph Jacob, escritor australiano, nascido em 1853, escreveu a história como um conto popular, à época a classe proletária, muito pobre, identificar-se-ia com os dois primeiros porquinhos.

A leitura indiretamente incute na criança o desejo de se identificar com o porquinho “inteligente” e precavido, que constrói a casa de tijolos e sobrevive ao lobo. Esse porquinho queria uma casa confortável, segura, resistente, durável e

que refletisse sua personalidade. E até o porquinho mais cauteloso e o lobo mau encontram-se despreparados da maldade humana.

A moral da fábula original é que a história dos Três Porquinhos nos ensina, de verdade, que devemos ser previdentes e pensar no longo prazo. Dois dos três irmãos escolheram construir suas casas rapidamente para poderem ir “curtir a vida”, ou seja, optaram pelo prazer imediatista.

A influência que o escritor Joao Luiz Guimaraes sofre não é linear. Na medida em que fatos sociais são objeto do conhecimento, as representações são a parte conceitual do real. Paradoxalmente, as representações são constitutivas do social já que os sujeitos só se situam com relação aos outros no momento em que os fatos sociais são apropriados pela consciência, isto é, representados pelos sujeitos

Se, para (BRONCKART,2003), o texto é um meio no qual podemos propagar e criar figuras interpretativas, esse livro, com base em fatos das cidades de Mariana e Brumadinho, influenciam o leitor (adulto ou a criança alfabetizada) e o leitor ouvinte, ou seja, a criança não alfabetizada.

O narrador nos traz a representação por meio de uma intertextualidade com três obras de Guimaraes Rosa (Livro de Contos *Sagarana*, Conto *A terceira Margem do Rio* e Romance *Grande Sertão Veredas*). E essa representação social que ele traz ao leitor é a da maldade humana por meio das palavras “Cujo”, “diabo”, “orelhudo”, “tinhoso”, “dito”, “lobo”.

O lobo é um personagem criado há muitos e muitos anos. Ele aparece em histórias como as fábulas de Esopo. Sua personalidade é bem definida: mal-intencionado, safo, melindroso e cruel. Mas, de onde vem essa fama tão ruim? Dizem que o lobo mau nasceu na Europa, um lugar onde lobos eram vistos como seres muito temidos.

Atravessando gerações, ele sempre esteve nas histórias infantis. Seja assoprando e destruindo a casa dos três porquinhos indefesos (conto do australiano Joseph Jacobs, de 1853), fazendo mingau de criancinhas (canções populares) ou devorando a vovó (conto de Charles Perrault, de 1697). A figura do lobo sempre teve um protagonismo indiscutível ao longo da história. Esse vilão faz parte da tradição narrativa de vários países. Sua presença infunde um temor inspirado na tradição oral que o relaciona com perigo, maldade, traição e desconfiança.

Particularmente sobre vozes, recorremos à proposta de BRONCKART(1999), complementada por outros estudos empreendidos por Hobbes (1999). Trata-se da responsabilidade enunciativa ou o ponto de vista do enunciado realizado por um enunciatador. É esse quem permite dar conta do desdobramento polifônico dos enunciados

O que dizer, os modos de dizer, o porquê dizer, enfim, qualquer atividade de linguagem é regulada por crenças, comportamentos reiterados, tomadas de posicionamentos. Ao discurso cabe o papel de (re)apresentar, atualizar e (re)vitalizar tais conhecimentos, ou seja, através das interações fazem-se circular valores de uma dada comunidade.

A função da representação que pode acontecer por meio das vozes possibilita aos grupos reconfigurar um determinado fenômeno social para o senso comum, tornando-o uma realidade compreensível para o indivíduo.

As representações sociais são dinâmicas, plásticas, dado a natureza do objeto sobre o qual elas são constituídas, e também relativas, ou seja, a elaboração representativa, em uma situação concreta, processa-se segundo os valores apreendidos por um determinado membro do grupo social. Dessa forma, cada qual representa o objeto da realidade de forma variada, relaciona-o a sua história, a sua formação e expõe essa representação no discurso.

As Representações Sociais se apresentam como responsáveis pela elaboração/ativação de modelos de conduta e de pensamento sobre algum objeto da realidade cuja (re)produção se faria nas interações sociais.

A primeira voz que aparece na obra é o título, por meio de um neologismo. Os neologismos roseanos transcendem a um universo metafísico, repleto de simbologia. O próprio Guimarães Rosa cria uma língua própria formada por neologismos, aglutinações de palavras. E o mesmo faz o autor João Luiz Guimaraes. O título *Sagatrisuinorana* nos remete a um neologismo que significa a saga dos três suínos. O prefixo SAGA e o sufixo RANA significam juntos “Sagarana”, que é uma obra de contos de Guimarães Rosa. Trata-se de um hibridismo: “saga”, radical de origem germânica que significa «canto heroico», «lenda»; e «rana», palavra de origem tupi que significa «que exprime semelhança». Assim Sagarana significa algo como «próximo a uma saga». Sagarana é o primeiro livro de João Guimarães Rosa.

Publicado em 1946, é uma obra regionalista, com caráter universal, já que trata de temas como a violência, além do conflito entre o bem e o mal. A obra é composta por nove contos: “O burrinho pedrês”, “A volta do marido pródigo”, “Sarapalha”, “Duelo”, “Minha gente”, “São Marcos”, “Corpo fechado”, “Conversa de bois” e “A hora e vez de Augusto Matraga”, nos quais o universo do sertão, com vaqueiros e jagunços, surge no estilo marcante que o escritor aprofundaria nos próximos textos. A publicação do livro de contos *Sagarana*, garantiu-lhe um privilegiado lugar de destaque no panorama da literatura brasileira, pela linguagem inovadora, pela singular estrutura narrativa e a riqueza de simbologia dos seus contos.

O livro *Sagatrisuinorana* se inicia com a palavra “Nonada” que já nos remete à primeira palavra, à abertura do livro, da primeira página do livro *Grande Sertão: Veredas* de João Guimarães Rosa.

Nonada significa “dá nada não”. Seria o mesmo que dizer que não vai acontecer nenhum problema.

O romance *Grande Sertão: Veredas*, de 1956, trata de lutas de jagunços no interior do Brasil, um lugar de pouca justiça. O livro é de um regionalismo universalizante.

João Guimaraes Rosa foi membro da Academia Brasileira de Letras e além de inúmeros prêmios literários, sua obra *Grande sertão: veredas* recebeu inúmeras premiações. É uma obra extensa com mais de 600 páginas, dividida em dois volumes e não em capítulos. Marcada pela oralidade e uma linguagem repleta de neologismos, arcaísmos e brasileirismos, a obra possui um enredo não-linear. Esse livro revolucionou a linguagem, tratou de seca, pobreza e dilemas religiosos e relações homoafetivas.

Sua obra apresenta uma temática que envolve indagações sobre o destino, Deus e o diabo, o bem e o mal, a morte e o amor. Quanto à relação bem/mal, parece que Guimarães Rosa acreditou o tempo todo na supremacia do primeiro sobre o segundo.

Um outro enunciado que nos remete a obra *Grande Sertão: Veredas* é:

O primeiro – quase rosa – trançou a fibra do buriti em palha nova de arrimo. E desejou parede.

A vereda, cujo nome está no título da obra (*Grande sertão: veredas*) é um tipo de vegetação de Cerrado, que tem como principal distintivo a presença frequente do buriti ou do buritizeiro, a palmeira do buriti, sábia palmeira que pode viver até 400 anos de idade e pode atingir até 40 metros de altura. A vegetação buriti que aparece logo no episódio do primeiro porquinho, aparece recorrentemente na obra *Grande Sertão: Veredas*. Como podemos ver no exemplo abaixo:

Do demo? Não glosa. Senhor pergunte aos moradores. Em falso receio, desfalcam no nome dele — dizem só: o Que-Diga. Vôte! não... Quem muito se evita, se convive. Sentença num Aristides — o que existe no buritizal primeiro desta minha mão direita, chamado a Vereda-da-Vaca-Mansa-de-Santa-Rita — todo o mundo crê: ele não pode passar em três lugares, designados: porque então a gente escuta um chorinho, atrás, e uma vozinha que avisando: — “Eu já vou! Eu já vou!...” — que é o capiroto, o que-diga... E um Jisé Simplício — quem qualquer daqui jura ele tem um capeta em casa, miúdo satanazim, preso obrigado a ajudar em toda ganância que executa (ROSA,2019:13)

O buriti é uma palmeira, sua forte folha fornece fibras para artesanato, empregadas na confecção de esteiras, redes, cordas, chapéus, etc. O buriti sempre acompanha cursos d’água, principalmente nascentes (olhos d’água). Por isso que, geralmente, onde se vêem buritis, se diz que há indício de muita água por perto. São os verdadeiros indicadores de água nos sertões.

### O segundo porquinho

... ergueu paliçada de taquara verde. Telhou cumeeira com folhas de embaúba, lá da Vereda de Matosinhos. E, por finalmente, cercou tudo com espinhos de mandacaru – da qualidade que só pode acontecer no mais de dentro das bandas do Liso do Sussuarão.

O espaço geral da obra *Grande Sertão: Veredas* é o sertão. Os nomes citados podem causar estranheza e confundir os leitores que desconhecem a região. É preciso entender, no entanto, que essa confusão criada pelos diversos nomes e regiões é proposital. Ela torna o enredo uma espécie de labirinto, como se fosse uma metáfora da vida. Ou seja, quando o segundo porquinho constrói sua casa ainda pra dentro de Liso do Sussuarão, isso, de certa forma, nos mostra o emaranhado no qual todos nós estamos no “caos” da vida.

Essa passagem (Liso do Sussuarão) nos remete então à obra de João Guimarães Rosa.

Comemos farinha com rapadura. E a Ana Duzuza me disse, vendendo forte segredo, que Medeiro Vaz ia experimentar passar de banda

a banda o liso do Sussuarão.

A travessia desse labirinto, do liso do Sussuarão, por analogia, pode ser interpretada como a travessia da existência. Trata-se de um espaço da narrativa em que importantes ações do enredo se desenvolvem. Liso do Sussuarão é o local da tentativa frustrada de travessia do bando de Medeiro Vaz (segunda parte) e consequente retirada

João Guimarães Rosa fascinou leitores mundo afora por livros que descrevem um sertão mítico, que mistura invenção e memória. Mas imagens de satélite e novos mapas mostram que o romance *Grande Sertão: Veredas*, uma obra-prima da literatura universal, não é tão fictício assim. Eles comprovam a existência até de lugares que estudiosos diziam não existir, como o Liso do Sussuarão (BA), deserto percorrido pelo jagunço Riobaldo, metáfora da travessia da vida.

O terceiro porquinho não aparece explicitamente no livro, mas aparece a palavra “Travessia”. A ideia de travessia na obra de Guimarães Rosa carrega a ideia de vida, de atravessar a outra margem do rio, de nascimento de morte. Trata-se da metáfora da vida. Esta palavra está no conto “A terceira margem do rio”, um dos textos mais famosos e influentes de Guimarães Rosa.

A travessia, em “A terceira margem do rio”, representa a da existência humana, o rito de passagem, um desejo de mudança, de ver as coisas sob um novo olhar, a busca da identidade.

Neste trecho, há uma aproximação semântica do termo. Ao tempo que a palavra travessia conclui a ideia de que a humanidade é responsável pelo Mal, e em paralelo pelo Bem, então o sentido está nas escolhas que se faz na vida. É nessas escolhas, baseadas no Mal, que a sequência da narrativa se dá, pois o “monstro” maligno que aqui se forma a partir da lama, é oriundo do descaso, do

desprezo, da ganância e de outras tantas expressões do Mal que podem habitar os interesses e a alma dos responsáveis por uma tragédia com essas proporções.

O Mal aqui se solidifica, se personifica em lama e, com isso, ceifa encurta a travessia de muitas almas, sem critério algum, boas e más. Os acidentes se sucedem, o Mal acontece, como o rompimento da barragem em Mariana, em 2015 e o rompimento da barragem em Brumadinho, em 2019. Os maiores acidentes de trabalho no Brasil e perda de vidas humanas e os maiores desastres industriais do século.

Sendo a representação social uma construção do sujeito sobre o objeto e não a sua reprodução, essa reconstrução se dá a partir de informações que ele recebe de e sobre o objeto. A representação social é um fenômeno social que a partir do conteúdo cognitivo, tem de ser entendido a partir do seu contexto de produção. Ou seja, a partir das funções simbólicas e ideológicas onde circulam.

Na entrevista feita ao autor, lhe foi perguntado **“Qual é representação, que pra você, autor, foi criada depois do livro pronto?” e assim ele nos responde:**

Isso mesmo. A maldade humana. Daí a minha provocação, na quarta capa, à conhecida frase de Sir Thomas Hobbes (embora ela tenha sido primeiramente formulada por Plauto), subvertendo-a em “às vezes, o homem é o lobo do lobo”.

Minha intenção foi pensar em que medida o indizível dessa tragédia escapa de qualquer possibilidade de representação simbólica. O lobo, no imaginário infantil, costuma servir como ponto de fuga, como projeção de todos os medos ainda não nomeados das crianças. A lama de Brumadinho passou por cima de tudo, não deixou espaço possível para elaboração. É quase como se eu tentasse, com esse livro, protestar pelo “direito ao lobo” para as crianças. E, ao mesmo tempo, mostrasse aos adultos que “monstruosidades” podem existir na vida real — e são produzidos por nossas escolhas enquanto sociedade. (JOÃO LUIZ GUIMARAES, 2022)

Vemos então que a representação é mostrar os dois maiores desastres ambientais do Brasil. Também trazer a tona que até hoje ainda os moradores dessa região sofrem os impactos

ambientais. O número de vítimas é incerto, pois nem sempre todos os corpos são encontrados e há pouca transparência na divulgação dos dados. E principalmente se não houver fiscalização dura e punição com prisão, as empresas vão continuar pensando que não faz sentido investir em segurança porque nunca serão punidas e é aí que temos a ideia da maldade humana.

Segundo Hobbes, os homens podem todas as coisas e, para tanto, utilizam-se de todos os meios para atingi-las. Conforme esse autor, os homens são maus por natureza (*o homem é o lobo do próprio homem*), pois possuem um poder de violência ilimitado.

Guarda-te dos falsos profetas que vão a ti disfarçados de ovelhas, mas interiormente são lobos ferozes. Mas os hereges não são falsos profetas, nem profetas de espécie alguma, e nem sequer (admitindo que os hereges são os lobos ali referidos) os apóstolos ordenavam que os matassem, nem tampouco, no caso de serem reis que os depusessem, mas apenas que se guardassem deles, lhes fugissem e os evitassem. (HOBBS, 1999: 190)

De todas as ameaças que um homem pode enfrentar, o maior é o confronto com outras pessoas. É comum os mais fortes explorarem os mais fracos, quando deveriam protegê-los. O homem é vilão para ele próprio. Ele é selvagem e é capaz das maiores atrocidades contra elementos da sua espécie.

## Considerações finais

Visamos, por meio dessa publicação, disponibilizar a análise do livro Sagatrisuiorana para professores e demais interessados. E chamar a atenção para a diversidade na literatura infantil e para a preocupação com o meio ambiente que é atual e envolve toda a sociedade. Quanto mais cedo o tema for abordado com crianças da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I, maiores as chances de despertar a consciência pela preservação.

Tentamos, neste trabalho, responder a pergunta: Que reconfiguração sobre o tema tratado no livro *Sagatrisuitorana* do autor João Luiz Guimarães é construída?

Mesmo para as literaturas infantis, existem códigos de conduta, alegorias sociais, de maneira a traduzir para a criança a realidade adulta por meios que encantem e produzam na criança sua real intenção, propositalmente alegorizada. A fantasia infantil contada por um adulto, mãe, professor, contador de história, é interrompida por uma tragédia, por um corte de realidade, já que a história que corre é a história dos três porquinhos, mas que de repente todas as casas são soterradas por lama.

Nesta obra, a representação aparece como processo de significação. Ao contar histórias para crianças, recorreremos a fábulas, histórias e lendas baseadas em mitos sociais e também histórias reais. No caso desse livro, recorre-se à fabula dos Três Porquinhos, a três livros de João Guimarães Rosa e a dois acidentes ambientais uma vez que tudo é recontextualizado. A intertextualidade ocorre com três obras de João Guimaraes Rosa e com a obra dos três porquinhos. E com dois acidentes ambientais. Como se fosse um prenuncio, um texto profético avisando o leitor que pode ter um terceiro acidente. Enunciado do tipo “Porque o diabo não há – existe e ruindade humana”, corrobora a tese de que a sociedade como produto humano é, na verdade, uma reconstrução, uma reelaboração humana. O texto de *Sagatrisuitorana* se encerra de forma aberta, polissêmica, quase circular, dando talvez abertura a outras representações.

## Referências Bibliográficas:

BRONCKART, Jean-Paul. Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: EDUC, 1999.

BRONCKART, , Jean-Paul. 1997 Atividade

de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo. Tradução Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo EDUC, 2003.

BRONCKART, Jean-Paul. O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores. Tradução: Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Matencio. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

GUIMARAES, J. L. *Sagatrisuitorana*. São Paulo: OZE editora 2021.

GUIMARAES, J. L. Entrevista concedida a Daniella Barbosa Buttler. São Paulo, 31 Jan. 2022 [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “A” deste artigo]

HOBBS, Thomas Malmesbury. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores)

PREMIO JABUTI Disponível em <https://www.premiojabuti.com.br/2021/catalogo.pdf> Acesso em 02 fev 2022.

Prêmio Jabuti: Chico Buarque, Djamilá Ribeiro e Martinho da Vila estão entre os finalistas G1 22/10/2020

Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2020/10/22/premio-jabuti-chico-buarque-djamila-ribeiro-e-martinho-da-vila-estao-entre-os-finalistas.ghtml> Acesso em 02 fev 2022.

LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

JODELET, Denise. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: JODELET, Denise (Org.). *Les représentations sociales*. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Rio de Janeiro, Vozes, 2003

MOSCOVICI, S. *La psychanalyse, son image et*

son public, Paris, PUF, 1961.

**Submissão: fevereiro de 2022.**

**Aceite: março de 2022.**

OLIVEIRA. Maria Bernadete Fernandes de. Linguagem E Alteridade Nos Escritos Do Círculo De Bakhtin. Eutomia Revista de Literatura e Linguística. Recife, 21(1): 169-184, Jul. 2018. Acesso em: 12/01/2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/237079/30544>

PORTO. Patricia de Cassia Pereira, GRAZIOLI. Fabiano Tadeu. Não Na Frente Das Crianças: A Diversidade De Gênero Na Literatura Infantil. Revista Professare. Caçador, v. 6, n. 3, p. 29-48, 2017. Acesso em 09/01/2022 disponível em: <https://periodicos.uniarp.edu.br/index.php/professare/article/view/1346>

ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. 19 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, João Guimarães, 1908-1967. Grande sertão : veredas – “O diabo na rua, no meio do redemoinho...” / João Guimarães Rosa. — 22a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2019. Disponível em <https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/14608.pdf> Acesso em 02 Fev 2022.

ROSA, J. G. Sagarana. 71ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, João Guimarães. “A terceira margem do rio”. In: \_\_\_\_\_. Ficção completa: volume II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 409-413. Disponível em [http://cogetes.epsjv.fiocruz.br/storage/Textos-e-Material-de-Apoio---4%C2%BA-Ano--Literatura---Gabrielle-n\\_5ee0d32b36f91.pdf](http://cogetes.epsjv.fiocruz.br/storage/Textos-e-Material-de-Apoio---4%C2%BA-Ano--Literatura---Gabrielle-n_5ee0d32b36f91.pdf) Acesso em 02 Fev 2022.

VYGOTSKI, L. S. (1934/2001). A construção do pensamento e da linguagem. Martins Fontes São Paulo 2001. Disponível em [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2477794/mod\\_resource/content/1/A%20construcao%20do%20pensamento%20e%20da%20linguagem.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2477794/mod_resource/content/1/A%20construcao%20do%20pensamento%20e%20da%20linguagem.pdf) Acesso em 02 Fev 2022.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil da escola. 1º edição digital. São Paulo. 2012 Ed. Global.